



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O QUE QUER E O QUE PODE A UTOPIA ANTROPOFÁGICA DE OSWALD DE ANDRADE?

Andréa Morais Costa
Jorrana Ferreira de Melo

Universidade Estadual da Paraíba – <http://www.uepb.edu.br/>

RESUMO: O trabalho que aqui se apresenta trata da programática da Antropofagia elaborada por Oswald de Andrade, tendo em vista especificamente a abordagem da utopia antropofágica cujo corolário é o horizonte criativo e festivo do Matriarcado de Pindorama. O poeta e romancista paulista, nos primórdios do século XX, no período entre guerras, apresenta um projeto que encampa aspectos estéticos, culturais e políticos da realidade brasileira, ao mesmo tempo em que propõe a estes campos uma revisão profunda à luz da poética do Pau-Brasil e do conceito da Antropofagia. Ao longo dos ensaios do escritor, principalmente os elaborados nos anos 50, é possível acompanhar o repertório de reflexões e influências de pensadores que norteou o conceito da Antropofagia, bem como a veemente defesa do autor em favor de uma utopia do matriarcado fundada na alegria e no espírito dionisíaco da natureza. Trata-se de uma utopia que abriga uma crítica feroz ao patriarcado e ao capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Antropofagia; Utopia; Matriarcado.

1. Introdução

O conceito de Antropofagia formulado entre os anos 10 e os 50 do século XX por Oswald de Andrade¹, e exposto ao longo de seus mais destacados ensaios literários e filosóficos, faz parte de uma programática estética, cultural e política que elabora uma reflexão anarco-crítica em torno da cultura brasileira e do mundo, bem como postula um ideário utópico baseado no matriarcado. Trata-se de uma programática que gravitando em torno do pensamento selvagem ou da “metafísica bárbara” (NUNES, 2001) traz a um só tempo a crítica à modernidade e sua política imperial, a revisão da cultura brasileira e uma utopia tropical baseada na primitividade da vida edênica do matriarcado. Esta última nos remetendo a uma visão pré-cabralina relativa aos tupis, aponta para outra história da

¹ A partir de agora usaremos a sigla O.A quando nos referirmos ao escritor Oswald de Andrade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociedade brasileira a qual se apresenta como prática de rebeldia contra os interditos dos tabus destilados pelo aparelhamento ideológico colonial.

Esse novo, controvertido e incômodo conceito da Antropofagia, escapando às teorizações eurocêntricas e paradigmáticas constrói uma “história diversa” que denuncia as falácias das histórias eufóricas dos vencedores e, ao mesmo tempo, luta e sustenta que é possível outro mundo. Trata-se de objeções feitas ao pensamento moderno a partir de uma sensação de esgotamento dos discursos sobre liberdade, razão, verdade, gestada nos países desenvolvidos às voltas com as contradições do capitalismo tardio. O lastro destas discussões é amplo, controvertido e marcadamente atual, principalmente quando pensamos em toda a problemática suscitada pela globalização e o surgimento dos estudos culturais com sua política de revisão dos paradigmas epistemológicos. Os escritos de O.A se apresentam fecundos e instigantes para estudiosos que se interessam por categorias como “hibridismo”, “multiculturalismo”, feminismo e discurso pós-colonial.

O aporte crítico que a Antropofagia encaminha é imanente à forma artística que O. A. persegue em seus manifestos e em algumas de suas produções artísticas. Os aforismos, os fragmentos e o estilo telegráfico dos manifestos, recorrentemente plasmado através do gracejo e da bufonaria, sinalizam para um projeto que tem como prioridade desconstruir ou revelar as falácias perigosas do discurso hegemônico cartesiano bem arranjado. Com a Poesia Pau Brasil de 1924, O.A se serve da pandega para atacar o mal da eloquência de todo gabinetismo. Aliás, a “falação” que precede o livro traz o gosto pela palavra desengessada, livre da métrica e do ritmo, o verbo persegue o delírio da liberdade denunciando a falsa sabença:

Contra a fatalidade do primeiro branco aportado e dominando diplomaticamente as selvas selvagens. Citando Virgílio para os Tupiniquins. O bacharel. [...] Século XX. Um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como babéis de borracha. Rebentaram de enciclopedismo (2003, p. 101).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É a alegria da ignorância que descobre uma nova visão. Ao lado disto, a picada antropofágica, com a sua visão anarco-poética, nos conduziria a *Revolução Caraíba*, maior, como registra o Manifesto Antropofágico, que a Revolução Francesa. Tal instinto primitivo, nos devolvendo ao impulso original pelo desrecalque da rebeldia, onde o totem vence o Tabu, nos conduziria ao matriarcado de Pindorama, em tudo o oposto a história linear do patriarcado.

A chave sintética do pensamento selvagem de Oswald de Andrade, em que se acha a crítica à modernidade européia e a visão utópica tropicalista, constituem o traço original de uma poética livre de coerção, de uma sexualidade cósmica e de um ócio criador. O descobrimento do paraíso edênico teria, sob o fundo misterioso e mítico, as tradições do matriarcado, a liberdade amorosa, o comunismo arcaico e a visão exuberante da natureza e da alegria. Justamente objetivamos destacar, a despeito da amplitude e das implicações do conceito da Antropofagia, a visão utópica tropical, sob a qual repousa a ideia do matriarcado e da sexualidade livre e amorosa.

Jogo de poder e de anulação da diferença, o olhar antropofágico de O.A. denuncia o processo, e o faz não apenas apontando a mutilação trágica frente à voracidade canibal da cultura hegemônica, mas também como busca na superação do mesmo pelo outro. Matar ou morrer, a metáfora do canibal redescobre o problema: deixar-se fascinar pela imagem do outro, ou impor ao outro a própria imagem. A Antropofagia desafia a lógica do olhar e da racionalidade, torna o mundo ruína pelos processos de inversões, como se essa operação pudesse provocar paradoxalmente a união de todos, e conseqüentemente o fim das desigualdades entre os diversos domínios que compõem nossa experiência sócio-histórica, inclusive a desigualdade de gênero. Justamente, o nosso percurso investigativo neste breve trabalho objetiva compreender a ideia dominante da Antropofagia e seus desdobramentos, a exemplo da visão utópica do matriarcado proposto por O.A.

Os textos ensaísticos sobre a Antropofagia, principalmente os produzidos após o rompimento de O.A. com o Partido Comunista, ocorrido em 1945, podem ser considerados, na literatura brasileira, como os exemplos mais ricos e disseminadores do projeto da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Antropofagia. Em seus ensaios, O.A. percorre criticamente a tradição da filosofia clássica, fundada, segundo a sua visão, na moral opressiva do patriarcado, para descobrir, paralelamente, um estado de originária liberdade dionisíaca (precisamente a devoração como modo de vida) que a filosofia moderna ajuda a iluminar.

Para a construção de seu conceito, O.A. se apoiou numa tradição crítica do pensamento europeu que começa com Bachofen, Montaigne, Rousseau e Marx, e se encerra com Nietzsche e Freud. Precisamente, são através desses pensadores, naquilo que sugere uma linha alternativa avessa ao discurso lógico-racional, que podemos entender o sentido do conceito da Antropofagia. Especificamente, através de Bachofen, podemos compreender a ancestralidade da linhagem matrilinear que tanto influenciou o pensamento selvagem de O.A. na busca utópica do paraíso.

2. Totem e tabu: a picada antropofágica como antídoto ao messianismo

A reabilitação do primitivo, decalcada no humanismo de Montaigne e Rousseau, serve de meio a O. A para refletir e contestar tanto o processo histórico brasileiro quanto a história mundial fundada no patriarcado. Para atingir o paraíso, o matriarcado de Pindorama, é necessário ter “olhos livres” para reinventar o mundo. É necessário deglutir a alta e baixa cultura, a casa grande e senzala, a floresta e a escola, o índio e a tecnologia, a poesia e a anedota, o totem e o tabu, pois desde o primeiro ato antropofágico, – a famigerada deglutição do Bispo Sardinha –, que a revanche do revés e da livre poesia, como ensina o Manifesto Pau Brasil de 1924, servirá ao matriarcado. “Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de pindorama” (ANDRADE. O, 2001), registra o Manifesto Antropofágico de 1928 que rechaça aos risos o *Pater* famílias e a moral da Cegonha, e defende a transfiguração do tabu em totem para encaminhar à crítica a moral da civilização.

Se como elabora Freud o tabu decorre do assassinato primeiro ao pai totêmico, e deste parricídio originar-se-ia a cultura, a culpa e a lei, inclusive no que toca ao tabu da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sexualidade, faz-se necessário e urgente a totemização do tabu para que a primeira transgressão não signifique culpa, mas desrecalque e celebração. Contra o recalque cadastrado por Freud, defende-se a antropofagia carnal que guarda um sentido de vida criativo e “evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico” (ANDRADE. O, 2001, p. 51). Para O. A era premente a necessidade de revisar Freud, já que a psicanálise com as suas obsessões patológicas do Eu (recalque, repressão, abnegação e isolamento) guardava resíduos da moral cristã e das marcas dominantes do patriarcado.

No ensaio de 1950, intitulado “A crise da filosofia messiânica”, O.A realiza algumas incursões filosóficas adotando os conceitos de Hegel em torno da visão prognostica para o desenvolvimento humano que engloba tese (homem natural), antítese (homem civilizado) e síntese (homem natural tecnizado). Haveria, assim, a existência de dois hemisférios culturais divididos em matriarcado e patriarcado. Ao primeiro corresponde o homem primitivo com seu rito antropofágico simbólico. Já o patriarcado é fruto do mundo civilizado e corresponde a cultura messiânica.

Com propriedade ressalta Benedito Nunes (2001, p. 32) ao se referir a esta visão de mundo (*Weltanschauung*) messiânica postulada pelo poeta paulista:

A Weltanschauung messiânica, que une duas instâncias de dominação – a temporal de uma classe, através do Estado, e a espiritual do sacerdócio –, com fundamento comum no poder do Superego, por sua vez ligando a autoridade do pai à de Deus no céu, reproduz o modelo colonial de governo. E é a conquista espiritual dos Jesuítas que se transfere à ação e ao pensamento do messianismo, suporte ideológico e expressão filosófica de uma superestrutura de que são aspectos integrantes o regime da propriedade privada no Direito, da família monogâmica quanto aos *mores* e do monoteísmo quanto à religião. São messiânicas as religiões de salvação e as filosofias da transcendência, que traduzem, até nos seus sucedâneos – As doutrinas paternalista do Estado forte, [...], os derivativos soteriológico (a figura do mediador, sobrenatural ou carismático) e escatológico (transfiguração sobrenatural ou histórica devida ao mediador) [...]



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nunes reforça que todos estes componentes listados cindem a sociedade e o indivíduo. Trata-se de uma cultura sisuda e repressora que participa de um ciclo evolutivo da humanidade, ao lado de uma outra radicalmente distinta embebida pela cultura da liberdade e do ludismo. Essas duas linhas de forças culturais envolvendo a cultura de liberdade e a cultura de servidão funcionam como ciclos episódicos constituindo o grande giro da história: o matriarcado e o patriarcado.

O ideal utópico da idade de ouro decorre da revelação do homem natural de Rousseau e tantas outras revoluções que nos conduziria ao matriarcado de pindorama: “Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Oú Villegaignon non print terre*. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da revolução Francesa ao romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos” (ANDRADE, 2001, p.48).

Nos termos de Hegel, considerando o movimento dialético dos dois hemisférios, ter-se-ia como tese o matriarcado, o patriarcado como antítese e como síntese, reintegrando a vida natural ao mundo da civilização, teríamos o matriarcado na era da técnica ou o bárbaro tecnizado. O fato é que para realizar este giro é necessário transformar o valor negativo em favorável. Apenas a operação metafísica do rito antropofágico, transformando o tabu em totem, tornará possível esta síntese utópica. Em outras palavras o bárbaro tecnizado é o cidadão do matriarcado de pindorama.

3. O matriarcado e o lúdico

A marcha da civilização que tem na concepção hegeliana dos termos a ruptura com a sociedade primitiva e o revés da sociedade civilizada barbarizada, tem na base o dinamismo do conceito marxista da luta de classes, através do qual a sociedade alcançando o comunismo primitivo, colocaria a técnica a serviço do bem comum de forma que o cidadão pudesse assim



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

se dedicar ao ócio em oposição ao negócio. Para tanto é necessário o desrecalque dos instintos primários presentes na operação antropofágica do matriarcado primitivo.

Em tudo esta *Weltanschauung* matriarcal evoca a ligação da humanidade à natureza e os indivíduos entre si, graças ao sacrifício do totem. Não havendo o pai, a linhagem se dava pela consanguinidade materna. Deriva daí o direito materno, distante da concepção do *pater* famílias fiador da acumulação da riqueza, e do direito comum à terra. Benedito Nunes (2001, p. 33), abordando a questão, escreve:

A *Weltanschauung* matriarcal é a rasa expressão, sem o falseamento ideológico da consciência que o fenômeno da superestrutura comporta, da solidariedade que ligava o homem & Natureza e os indivíduos entre si, graças ao comum sacrifício do totem. Como tal, ela realiza a máxima aproximação do natural e do humano nos aspectos organicamente entrelaçados — o direito materno, a propriedade comum da terra — que compõem a cultura antropofágica, lúdica e festiva, garantindo-se periodicamente contra o desequilíbrio por meio da transgressão dos banquetes orgiásticos, e tendo no trabalho espontâneo um prolongamento das atividades vitais. Nessa cultura, onde vamos encontrar os valores da visão poética pau-brasil, — valores acordes com a vida social em estado nascente, onde há um mínimo de repressão, e que está quase ao nível das relações de reciprocidade, que no Patriarcado se transformam em relações de antagonismo, — o ócio e a festa assinalam de um lado, os alvos da utopia na Era da Máquina, e, de outro, a vivência intersubjetiva, misto de receptividade intelectual e de extroversão sentimental do homem cordial, — lhano de trato, hospitaleiro e generoso — em que se converterá o bárbaro tecnizado. Representaria isso a culminância de um processo inverso ao da história, como possibilidade de absorção da violência social.

Como se pode notar a força expressiva deste matriarcado insurge como um golpe ao regime paternalista fundado na defesa da família burguesa monogâmica e no direito que garante a propriedade privada. O.A registra em seu ensaio: “É o Direito que tutela a mulher e a conserva inerme no poder dos ágnatas” (2001, p. 127). O egotismo e as marcas da individualidade burguesa advindas da concepção messiânica da vida e do patriarcado



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

aparecem em crise nos registros do escritor, uma vez que o que importa é sonhar com esta utopia civilizatória constituída pelo matriarcado de pindorama.

No breve ensaio “Variações do Matriarcado” (2001), O. A, empenhado em registrar a ancestralidade dos regimes matriarcais na história, apoia-se principalmente em Bachofenque, interessado no regime mítico e jurídico baseado na hegemonia do poder matrilinear, identifica no texto grego de Ésquilo, no episódio do julgamento do matricida Orestes a garantia do direito paterno. Escreve O. A:

Bachofen focalizou nada menos do que o sentido de violenta transformação revolucionária que é o final da *Oréstia*. É em torno do julgamento do matricida Orestes que se fixou na literatura a revolução do direito paterno. Eis o texto onde Minerva reivindica a faculdade de julgar: É privilégio meu dar a última sentença. Não tenho mãe a quem deva a vida. Favoreço o sexo viril. Sou completamente pela causa do pai. Não posso interessar-me pela sorte da mulher que matou seu esposo” [...] O coro das Eumênides ergue as suas desoladas lamentações, acusando as divindades novas de intervir e mudar o destino do mundo: “Espezinhastes antigas leis e arrancastes de nossas mãos o poder” (2001, p. 212).

As Eumênides, também conhecidas como Erínias, integram a velha ordem do direito pleno e inexorável com a terra mãe, de onde decorre o vínculo sagrado do filho com a mãe. Nascidas do sangue da castração de Urano por Cronos, elas representam a fúria e a vingança contra qualquer crime contra a natureza. A contrapartida disto é a nova lei gestada na polis perfazendo o horizonte das ações racionais dos homens. O julgamento claramente delineia o embate das forças ctônicas, obscuras e profundas da terra mãe, o matriarcado, com a luz, a razão e a lei da polis representando o patriarcado através de Apolo e Palas Atenas, Minerva para os romanos. Esta seria a nova ordem. Estava aí, ressalta O.A, a revolução que, na Grécia, destronava a mãe do seu poderio incontestável.

Nas palavras do autor:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

De ora em diante seria aceito na Hélade o direito paterno e suas consequências. Fundava-se assim o instituto da herança patrilinear. Não quer isso dizer que o patriarcado tivesse sido uma invenção grega, mas foram os gregos, através de Ésquilo, que definitivamente fixaram as transformações da era matriarcal para a do poder paterno (2001, p, 212).

Além de Bachofen, O.A ainda registra, sobre o estudo do direito materno, as contribuições de Frobenius que estabelece claramente a ancestralidade do matriarcado em relação ao patriarcado. As pesquisas mostram que o filho gerado, sob domínio materno, não pertence a família, mas a tribo. A descaracterização deste domínio é que ocasiona a desigualdade no mundo, ou seja, a herança patrilinear, que impulsionou o acúmulo de riqueza fundando a ordem do capital, é uma das pedras angulares para a situação de injustiça e desigualdade da civilização patriarcal. Some-se a isto, como se acha em outro curto ensaio do escritor “Ainda o matriarcado” (2001), as descobertas de Darwin a de que a humanidade veio do macaco. A este legado de fatos que vem derrubar preconceitos racistas, familiares e heráldicos, junta-se, insiste o escritor, “o depoimento colhido através de milênios do que seja a tragédia do patriarcado, quando o homem descobre os direitos à liberdade outorgados à mãe em qualquer sociedade paternalista. Isso normalmente constitui o nó doloroso da consciência patriarcal” (2001, p. 217).

A tragédia deste patriarcado com sua nova *Weltanschauung*, servindo ao trabalho escravo, a divisão de classes e a herança, mostra os seus sinais de falência. É necessário que a história realize um novo giro rumo ao matriarcado marcado pela festividade e pelo ócio, que é a fase, diga-se de passagem, paradisíaca do matriarcado. Este é o corolário da Antropofagia. Subirats, celebrando o “sem” caráter antropofágico do herói Macunaíma, nos dá mostras deste alcance:

A força iluminadora da Antropofagia partia de uma oralidade ressexualizada e, com ela, de uma cultura centrada na assimilação e na comunicação presencial, corpórea e sensual. [...] Por isso, a obra culminante que cristalizou essa nova sensibilidade e concepção do mundo foi Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade [...] (2001, p. 97).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Para o autor, Macunaíma abre ao leitor um mundo de risadas obscenas e jogos lascivos, além de trazer as fantasias poéticas de mitos milenares e os mistérios xamanísticos da selva. De fato, Macunaíma representa, com excelência, esta visão antropofágica da sexualidade, da brincadeira, do jogo, da técnica associada a concepção mágica da natureza com sua criatividade e exuberância dionisíaca. Precisamente, todos esses elementos que ligam a natureza à criação poética e à vida, O. A chamou esta visão utópica de matriarcado de pindorama.

4. Considerações finais

Nos primórdios do século XX assistimos mudanças radicais no mundo e na cultura brasileira. O período entre-guerra, chocando o mundo, abriu caminhos para reflexões e redimensionamentos iconoclastas em torno de discursos e práticas políticas e culturais hegemônicas que apagavam ou sequestravam a presença da diversidade ou da alteridade cultural. Sob a influência da vanguarda européia, O.A cria uma programática estético-ideológica capaz de reafirmar o estatuto desta diversidade cultural em manifestos, poesias e ensaios. Cunhando o conceito da Antropofagia, o qual remonta a simbólicas práticas “barbaras” dos tupinambás, O.A procede a uma operação de reflexão crítica em torno do lugar do Brasil no mundo e propõe uma utopia tropical onde o nosso substrato primitivo ligado à exuberância da terra mãe combinado a técnica estrangeira importada e devorada nos conduziria ao matriarcado de pindorama. Este estado utópico matriarcal, em afinidade com o socialismo utópico do período e o sopro renovador do cubismo e do surrealismo, nos devolveria o direito matrilinear onde o ócio, o comunismo viabilizado pela técnica, a sexualidade e a festividade seria, sem dúvida, a “alegria da prova dos nove.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, O. A **utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 2001



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

_____. **Pau Brasil**. São Paulo: Globo, 2003.

SUBIRATS, E. **A penúltima visão do paraíso**: ensaios sobre memória e globalização. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

NUNES, B. “A antropofagia ao alcance de todos”. In: ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 2001